

PARA ALÉM DO AMOR: REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES FEMININAS EM UMA ESCRITORA PORTUGUESA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Para além do amor: representations of female identities in a Portuguese writer from the early 20th century

Emanuelle Maria Brasil de Vasconcelos¹
<https://orcid.org/0009-0005-7651-079X> 

Maria Simone Marinho Nogueira¹
<https://orcid.org/0000-0003-1141-3911> 

¹Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil. 58429-500 – prograd@setor.uepb.edu.br

Resumo: Procuramos abordar neste ensaio acadêmico a análise das representações das identidades das personagens femininas da obra de Maria Lamas, *Para além do amor*. O romance, publicado em 1935, ressalta o movimento de submissão ou rompimento das normas patriarcais estabelecidas e sedimentadas na sociedade portuguesa do início do século XX. Assim, tratamos, dentre outros aspectos, da relação extraconjugal, da educação religiosa, bem como dos papéis de mãe e esposa da protagonista/narradora da obra literária. O método utilizado foi o estudo bibliográfico, ao que nos ancoramos em Foucault (1988, 2014, 2019a, 2019b), para discutir questões como relações de poder, vontade de verdade e sexualidade; Hall (2006), no que se refere ao conceito de identidade na perspectiva dos Estudos culturais; Revel (2011), no tocante a transgressão; Bourdieu (2012) sobre a dominação masculina; Beauvoir (1967) e Butler (2018) para tratar das questões de gênero, dentre outros. Outrossim, a partir de um processo de diferenciação com relação a outras personagens, a protagonista estabelece um diálogo com o contexto histórico e social em que se encontra circunscrito o romance, o que culmina em uma reflexão sobre o gênero e classe social na formação identitária.

Palavras-chaves: Identidade; Gênero; Transgressão feminina; Adultério.

Abstract: In this academic essay, we seek to approach the analysis of the representations of the identities of the female characters in the work of Maria Lamas, *Para Além do Amor*. Published in 1935, the novel emphasizes the movement towards submission or breaking of established patriarchal norms, established and consolidated in Portuguese society at the beginning of the 20th century. Thus, we deal, among other aspects, with the extramarital relationship, religious education and the roles of mother and wife of the protagonist and narrator of the literary work. The method used was the bibliographic study, based on Foucault (1988, 2014, 2019a, 2019b), to discuss issues such as power relations, will to truth and sexuality; Hall (2006), regarding the concept of identity from the perspective of Cultural Studies; Revel (2011), regarding transgression; Bourdieu (2012) on male domination; Beauvoir (1967) and Butler (2018) to address gender issues, among others. Furthermore, based on a process of differentiation in relation to other characters, the protagonist

establishes a dialogue with the historical and social context to which the novel is circumscribed, which culminates in a reflection on gender and social class in identity formation.

Keywords: Identity; Gender; Female transgression; Adultery.

Considerações iniciais: delineando o contexto histórico e a obra

A Análise do Discurso é caracterizada como uma política de leitura que nos guia a descortinar os textos mediante seus aspectos sócio-histórico-ideológicos, incitando-nos a compreender que não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. É assim que este campo de estudo se propõe a “ler o real sob a superfície opaca, ambígua e plural do texto” (Courtine, 2006, p. 19).

Como objeto deste trabalho, ambicionamos recortar alguns aspectos relacionados à representação das mulheres do romance *Para além do amor*, de Maria Lamas (2002). Os recortes foram escolhidos em função de serem produtivos para o objetivo de analisar como é representada a identidade das personagens femininas. Levamos em conta, sobretudo, o movimento de se submeterem ou romperem as normas patriarcais estabelecidas e sedimentadas na sociedade portuguesa do início do século passado; de modo a abordar, dentre outros aspectos, a relação extraconjugal, a educação religiosa, assim como também os papéis de mãe e esposa da protagonista/narradora da obra.

A Análise do Discurso nos possibilita a integração entre estudos linguísticos e literários. Mais do que a viabilidade da aplicação deste ramo da linguística discursiva nas obras classificadas como literatura, de acordo com Ida Lucia Machado (2006), a convergência das duas áreas otimiza a extração de “dados importantes ligados à representação da sociedade, ou em outros termos, dados que dizem respeito ao mundo real e social que pode ser apreendido ou ‘traduzido’ em discurso e ser ‘revelado’” (Machado, 2006, p. 105).

O romance em análise se encontra inserido no contexto da modernidade burguesa, uma época marcada por convulsões socioeconômicas, as quais se desencadearam a partir da primeira metade do século XX. De fato, as turbulências políticas, econômicas e sociais são tais que a sociedade agora pensa em si mesma em termos de mudança e inovação, mas também de instabilidade e crises, sem olvidar o progresso contínuo da ciência e da tecnologia. Além do mais, a obra de Lamas (2002) se alinha com características do realismo artístico e literário, à medida que compreende um olhar objetivo, sem embelezar a realidade; a simplicidade da cena; e a presença de descrições dos ambientes.

Nessa perspectiva, a correspondência com o real evidencia-se pela forma e pelo conteúdo do romance em análise. Na forma, observamos as características de descrições rápidas e sucintas de costumes; dos diálogos construídos muito próximos do real modo de falar da língua portuguesa na época, com aspectos de uma linguagem simples e direta; além da construção de personagens-tipo, que representam grupos sociais integrantes daquela sociedade, como por exemplo, burgueses e operários. Enquanto que no conteúdo, podemos notar o delineamento da pintura de ações comuns do dia a dia; da crítica direta à sociedade de seu tempo – mediante a representação da realidade dos vícios e virtudes dos



sujeitos –; da denúncia das condições de vida precária do povo e exploração dos operários; da hipocrisia do comportamento humano no casamento burguês, o que traz à tona questões como a motivação financeira e moral para a manutenção do relacionamento, bem como os casos de adultério; e por fim, da apresentação de personagens femininos, de maneira a buscar lançar luz tanto nas virtudes como nos ditos defeitos.

Adentrando na obra *Para além do amor*, a narrativa aborda a história de Marta, uma mulher de vida burguesa confortável, casada com um empresário, Jorge, mas por quem não nutre sentimentos de amor ou paixão. Além de esposa, ela cumpre o papel de mãe de Carlos Manuel, um jovem de dezesseis anos de idade, ao que subentendemos não ser um filho a precisar de cuidados infantis por parte dos pais. Narrado em primeira pessoa do singular pela protagonista, a obra tem um tom confessional, o que assegura a leitura dos acontecimentos a partir de sua própria perspectiva. Na narrativa, somos apresentados às dores e angústias de Marta, bem como ao desenvolvimento da personagem à medida que um novo amor, personificado no amante Gabriel, lhe oportuniza o contato com ideias de crítica social e a faz experimentar outras realidades. Por conseguinte, é a partir da vivência do adultério, que a protagonista inicia um processo de conscientização de gênero e classe. Ela não resiste incólume a estes novos horizontes que vão, além de viver um amor, até o significado de encontrar o próprio caminho e (re)conhecer a si mesma no mundo.

Do contexto histórico e social em que *Para além do amor* foi publicada, no ano de 1935, cabe destacar que corresponde ao período em que Portugal passava pelo salazarismo. Anne Cova e António da Costa Pinto (1997), em seu texto *O salazarismo e as mulheres, uma abordagem comparativa*, fazem a seguinte ponderação sobre os regimes totalitários, tais como o governo autoritário do Estado Novo de Salazar e Marcello Caetano (1933-1974): “no campo ideológico e político a apologia do “regresso ao lar”, a glorificação da “maternidade e de um certo modelo de “família enquanto função primordial, ao mesmo tempo que se confrontaram com a questão da “integração” das mulheres no campo político” (Cova; Pinto, 1997, p. 71). Neste contexto, a Constituição de 1933, que delineou as diretrizes do Estado Novo, em seu bojo era sustentada pelos ideais católico, nacionalista e antiliberal, sintetizadas no lema, “Deus, Pátria e Família”. Assim, as questões de gênero, a misoginia, o sexismo e a herança de uma cultura que se forjou no patriarcado foram ingredientes apontados como de grande relevância para influenciar a instauração de ditaduras no poder, em diversas épocas e países.

A partir da concepção de discursos considerados como verdades absolutas em nossa sociedade, que são efeitos das relações de poder, Michel Foucault afirma que “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas destinadas a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (Foucault, 2019a, p. 279). Assim, a identidade pode ser um caminho para a emancipação, porém igualmente pode servir como forma de opressão.

Isto posto, ainda é importante ressaltar que a arte é social em dois sentidos:



“depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.” (Candido, 2006, p. 30). Neste sentido, há uma relação imanente entre o discurso real e o discurso ficcional, sendo que o segundo é o reflexo do primeiro, não correspondendo à realidade em si mesma, mas sim a certas necessidades de representação do mundo, em um determinado espaço e tempo, de forma a poder ser considerado como um simulacro condicionado do real.

Intertextualidades entre os discursos reais e ficcionais

Consideramos a relação entre a história e a literatura como modalidade de um exercício de imaginário de (re)construção do mundo, pois, apesar de formas distintas de apresentar a realidade, bem como de atribuir e desvelar os seus sentidos, ambas são apreendidas pela linguagem com referente no real, a fim de negá-lo, afirmá-lo, ultrapassá-lo ou transformá-lo.

De acordo com Belmira Magalhães (2011), o cotidiano apresenta-se como o arquivo essencial do discurso literário. Dito de outra forma, o sujeito autor, para a manufatura do dizer literário, recorre ao discurso real e deste tira a matéria-prima para a construção de sua narrativa. Assim, embora não possamos afirmar que se trata de retrato fidedigno, a personagem Marta é representativa da condição das mulheres no século XX, que socialmente dominadas pelos homens, às vezes, se refugiavam em sonhos que as transportavam para longe da vida medíocre, vazia e ociosa que a sociedade reservou para elas.

Ante o exposto, voltamos o nosso olhar para a literatura como a materialização do “pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana” (Todorov, 2009, p. 77). Indissociáveis das vontades de verdades históricas do seu tempo, “o sujeito do discurso literário não fabrica o material com que trabalha. Esse material existe independentemente dele e dele receberá uma dada ordenação” (Baccega, 2013, p. 128). Assim, o fruto literário é perpassado pelo contexto em que emerge e influencia esse mesmo tecido na humanidade que o constitui.

Podemos ainda estabelecer um diálogo entre a obra em análise e o clássico da literatura francesa, propulsora do gênero realismo literário, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, de 1857. Nesta obra, a protagonista homônima do livro também pertence à classe burguesa, assim como também não nutre mais afeto e respeito pelo seu marido. No início do romance, somos apresentados à felicidade de Charles Bovary com a vida de casado, em contraste com a desilusão de Emma Bovary, que se intensificará ao longo da narrativa, levando-a a cometer adultério na tentativa de recuperar as fantasias amorosas da juventude. Esse desenrolar dramático culminará no desfecho trágico para a protagonista (Flaubert, 2018). Ao contrário, a obra de Lamas tem um final mais otimista. Nele, a



protagonista consegue tomar consciência do próprio caminho e trilhá-lo de modo a cada vez mais se reconhecer como sujeito da sua história e agente de transformações sociais.

Evocamos a obra de Flaubert pelo seu caráter inovador e impulsionador da temática do adultério dentro da literatura realista. Contudo, a intertextualidade pode ser desenhada com outros textos literários. À guisa de exemplo, podemos citar os romances *Anna Kariênina* (1877), de Liev Tolstói; *Primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz; ou ainda o conto *A cartomante* (1884), de Machado de Assis. Em comum, as obras mencionadas compartilham do fato de serem de autoria masculina e terem sido publicadas no final do século XIX, período anterior ao romance de Maria Lamas (2002). Outra semelhança é a construção de um desfecho trágico para as protagonistas infiéis aos maridos, culminando nas suas mortes, seja através do suicídio, em uma linha do trem, como em *Anna Kariênina*; de uma doença, como fora o caso de Luísa; ou ainda do assassinato a tiros, no caso de Rita.

Acima, evidenciamos algumas obras que tratam de uma das temáticas centrais de *Para além do amor*: o adultério. Ao compararmos as narrativas do final do século XIX com a de Maria Lamas do início do século XX, podemos observar mudanças na abordagem do tema e nas consequências para as personagens femininas que se envolvem em casos de infidelidade conjugal. Apesar de a análise comparativa não ser o foco deste trabalho, a evocação destes exemplos se mostra frutífera para percebermos as nuances e as diferenças de tal temática em determinados tempos, sociedades e pontos de vistas. Sob esta ótica, constatamos que cada texto é um produto híbrido, “que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou se opõe.” (Koch, 2016, p. 59).

Diante do exposto, surge como pergunta para este ensaio: como se constroem as representações das identidades das personagens femininas, na obra *Para além do amor*, da autora Maria Lamas? Para tentar responder a esta pergunta, no tópico de análise, abordamos as manifestações de subordinação ou transgressão das personagens femininas e, para contemplar as nuances de tal demanda, dividimos o texto em subtópicos que versam sobre: o casamento e a infidelidade conjugal; o impacto da educação religiosa das jovens; e, por fim, da secundarização da figura feminina às funções sociais de mãe e esposa, fomentada pelo regime patriarcal.

***Para além do amor*: manifestações de subordinação ou transgressão no processo identitário de construção dos sujeitos femininos**

Paralelo à Modernidade surgiram novas formas amplas e complexas de olhar e conceber as identidades, como consequência da chamada “crise da identidade”. Segundo Stuart Hall (2006), há três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. Inicialmente, o sujeito do iluminismo era centrado e unificado, dotado da capacidade da razão; no entanto, gradativamente, essa concepção



perdeu importância e funcionalidade. Em seu lugar aparece o sujeito sociológico, que se forma na relação com outras pessoas e que, consciente da sua não autonomia e da sua não autossuficiência, identifica-se e se constrói a partir do Outro. Contudo, essa última concepção ainda se mostrou insuficiente diante do mundo globalizado, surgindo, então, a concepção de sujeito pós-moderno, composto de várias identidades, algumas contraditórias e não resolvidas. Este sujeito não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, ou seja, encontra-se em constante trânsito e transformação (Hall, 2006).

A obra de Maria Lamas é situada no contexto do ano de 1935. Podemos considerar os sujeitos femininos, representados em *Para além do amor*, como sujeitos sociológicos, uma vez que são construídos em contrastes como outros personagens. Sem embargo, localizado em um período de transição e efervescência das mudanças que viriam na metade do século XX, a obra antevê a eclosão dos sujeitos pós-modernos. Isto porque, os sujeitos femininos não apenas se identificam pela oposição, mas também partilham de identidades em “conflito”, as quais são moldadas no contexto de mudanças sociais, políticas e econômicas, tais como as que ocorrem ao longo do romance de Lamas (2002). Em decorrência delas serem “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2006, p. 38).

O processo de identificação dos indivíduos é fluido, ou seja, não é dotado de uma essência, mas sim fruto de um constante devir, no sentido de uma transformação contínua do que a pessoa pode se tornar, o que se coaduna com uma das frases mais célebres de Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p. 9). Assim, o gênero assume a dualidade de ser tanto uma construção ininterrupta a nível individual, quanto um objeto sujeito a uma manutenção rigorosa regida por normas sociais. No tocante a esta última, a preservação pode ocorrer por meio das chamadas ficções reguladoras, como a alegação da naturalidade das distinções entre os gêneros. Em outras palavras, o gênero “não é passivamente inscrito no corpo nem determinado pela natureza, a língua, o domínio simbólico ou a asoerbante história do patriarcado. O gênero é aquilo que se supõe, invariavelmente, sob coerção, diária e incessantemente, com angústia e prazer” (Butler, 2018, p. 16). Além disso, tal processo envolve a validação de performances consideradas apropriadas e a punição de performances consideradas inadequadas, sendo esse processo conhecido como generificação (Butler, 2018).

Na obra em análise, por exemplo, temos três personagens femininas que se destacam: a protagonista, Marta; Maria Clara, a irmã de Gabriel; e Joaquina, a mãe de um funcionário da fábrica que pertencia ao marido de Marta. Entre as três personagens se estabelecem diálogos, os quais constroem uma contraposição a dada ordem que opera sobre elas.

Na narrativa, duas destas três mulheres apresentam de forma explícita, em suas histórias, marcas de transgressão à ordem social imposta, a saber, Marta e Maria Clara. Por transgressão leia-se que é “a maneira pela qual o indivíduo consegue, de maneira



voluntária ou fortuita, impedir o sucesso dos dispositivos de identificação, de classificação e de normatização do discurso” (Revel, 2011, p. 127). Deste modo, a transgressão se encontra relacionada à noção de prática de si mesmo, ao articular a percepção de relações de saber e de poder com a liberdade, a subjetividade e a resistência dos sujeitos.

O casamento e o adultério feminino, em perspectiva, na sociedade portuguesa e burguesa do início do século XX

A protagonista do romance, Marta, representa a mulher burguesa do século XX. Ao longo do romance percebemos a sua busca constante por uma identidade feminina. Através da focalização narrativa interna, a predicação de Marta é fornecida aos poucos, desvelando as suas complexidades psicológicas. Ademais, somos expostos às limitações que a sociedade lhe impunha, de modo a impedi-la de viver com intensidade cada desejo, por não conseguir encaixá-los em sua realidade. O deslocamento da protagonista ocorre de maneira ambígua, isto porque ela não se qualifica como uma personagem apenas virtuosa ou corrupta, sendo uma amálgama dos dois, por isso ela se torna muito próxima do que é humano.

Neste sentido, percebemos na personagem principal de *Para além do amor*, o sentimento de isolamento, decorrente em especial das frustrações com relação às expectativas amorosas ao longo do casamento, bem como da dificuldade de expressar emoções e conflitos internos. Ademais, atrelado à solidão, observamos o fato de o filho dela começa a dar os primeiros passos na vida adulta; o que agrega à protagonista a luta por manter alguma autoestima, enquanto o filho cresce e se torna independente dos seus cuidados.

No que concerne ao deslocamento da personagem, destacamos se tratar mais de uma característica psicológica do que física, pois Marta se mostra inquieta não importa o local. Mesmo no início do romance, momento em que ela viaja sozinha para o Buçaco, na região campestre de Aveiro, o cenário bucólico não é suficiente para acalmar as suas angústias e tristezas. Não obstante, é no exterior do âmbito familiar que a protagonista experimenta a transformação da percepção de si e da tessitura social ao seu redor. O distanciamento, que a princípio é físico, culmina no pensamento e na reflexão sobre as diferenças, justiça social e como Marta se identificava. O ponto de virada da percepção do mundo começa quando Marta, afastada da cidade, bem como do seu marido e do seu filho – que estavam viajando entre França e Inglaterra –, passa uma temporada no campo. A partir deste fato, observamos que ela não se encontra apenas apartada do âmbito urbano, mas também das funções de mãe e esposa.

O afastamento das atividades cotidianas de início não traz um sentimento de prazer e felicidade, ao invés disto a narradora protagonista descreve as angústias e tristezas constantes de sua alma, como podemos perceber no trecho: “Sensações iguais, palavras iguais, aventuras iguais e, sempre, a mesma saciedade, a mesma mentira” (Lamas, 2002, p. 31). Ao longo do romance, a autonomia reflexiva de Marta é tom presente e crescente,



se contrapondo inclusive com a dinâmica social que opera sobre o seu ser, oprimindo-a. Além do mais, o ambiente campestre, permeado de pasmaceira, desperta as inquietações de um sujeito mulher que prefere o alvoroço da cidade, pois a agitação exterior velava e desviava as reflexões sobre a sua própria vida. Por conseguinte, é notável, na construção da personagem, as ambiguidades de uma identidade que escapa das características de fixação e de estabilidade; tal qual é possível notar no fluxo de consciência de Marta em cenas iniciais do romance: “Tenho a alma sedenta de paz e simplicidade, mas os meus nervos querem agitação e bulício” (Lamas, 2002, p. 32).

Desde o começo do romance, a narrativa traz elementos para inferirmos que o *locus* discursivo da protagonista se configura a partir da perspectiva de um sujeito feminino burguês, isto é, em que pese a sua subordinação pela condição de mulher, ela pertencia a uma elite econômica. Após conhecer Gabriel e passear com ele pelo Buçaco, Marta adensa suas inquietações, no sentido de refletir sobre tudo que possuía e tudo que o dinheiro poderia lhe proporcionar, mas mesmo assim lhe faltava algo que ela não conseguia nomear, como podemos constatar na seguinte passagem:

Mas que quero eu, afinal? Que poderá dar-me a vida, que ainda me não tenha dado? Eu devia ser feliz, porque possuo tudo o que, neste mundo, torna felizes as criaturas. Tudo?
É mentira! É mentira! Há qualquer coisa mais. Riqueza, viagens, deslumbramentos e prazeres não chegaram para encher o vácuo da minha alma. Nem o casamento. Nem a maternidade. (Lamas, 2002, p. 432-444).

Frente ao trecho acima, depreendemos que a atuação de Marta se limitava ao papel de mãe e de esposa. Para além de sentir lástima por tudo que a vida não lhe deu, ela também pondera o que queria ter sido, mas não foi, por causa da lógica e das imposições engendradas pela ideologia patriarcal portuguesa do início do século XX; a narradora traz a questão de gênero quando afirma que: “Se eu revelasse a alguém esta verdade do meu sentir, seria julgada imoral ou pelo menos, desequilibrada” (Lamas, 2002, p. 44). Apesar de no plano das ações ainda não termos transgressões da protagonista, a nível de pensamento já constatamos o germe da ruptura com a ordem social imposta. Pois ela reconhece, com adjetivos negativos, a atividade de considerar a ausência de coisas, para além das funções impostas às mulheres na sociedade patriarcal tradicional. Outrossim, pensar na sua infelicidade poderia ser motivo para ela ser rotulada como transgressora moral ou como alguém com desequilíbrio mental.

A compreensão da coletividade, desenvolvida pela protagonista ao longo da narrativa, engloba a concomitância da percepção de gênero e de classe. Inclusive, ela identifica que a sua classe social privilegiada é imprescindível para a tomada de consciência das insatisfações relacionadas às questões da sua condição de mulher. Desta forma, pondera que os dissabores sentidos por ela fariam “sangrar milhões das almas de mulher, sem que elas tenham coragem de o confessar a si próprias” (Lamas, 2002, p. 44). Eis que, compreendemos a sociedade a partir da personagem principal que narra os elementos do seu entorno em primeira pessoa do singular. A relação de proximidade com a narrativa ao



longo do romance fornece a impressão de autonomização da personagem, à medida que através das suas reflexões, ela nos demonstra o processo de criação de consciência sobre as suas próprias vivências, bem como sobre as experiências que observa nos contatos com os outros personagens.

O movimento do romance narrado pela protagonista tem impacto sobre a configuração do adultério. Essa dinâmica é verificada na construção das figuras masculinas, pois, através dos olhos de Marta temos uma descrição do amante, Gabriel, que mostra uma vivacidade e estabelece uma contraposição ao marido dela, Jorge. Destarte, enquanto a imagem do primeiro é positiva, a exemplo de características como: “companheiro agradável”, “esbelto e másculo”, “olhava-me com ar de cumplicidade sentimental”, “companheiro ideal”, “inteligente, forte e generoso” dentre outras; em contrapartida, a do segundo é composta em grande parte por elementos negativos, a exemplo dos aspectos da sua personalidade: “feitio autoritário e violento” e “crueldade implacável”.

Deste modo, vemos que boa parte de uma certa tradição literária insere as mulheres no adultério, em decorrência da busca de satisfação dos desejos mais íntimos, ao que Kehl constata que “as fantasias e os anseios por uma felicidade vaga e sempre fora de alcance são aspectos frequentes nos relatos de vidas de mulheres – tanto os confessionais quanto os ficcionais” (Kehl, 2016, p. 81). Em *Para além do amor*, o relacionamento amoroso com Gabriel não insurge na narração de Marta como um erro ou deslize. Isto porque, é resultado de um processo de tomada de consciência, cujo avanço é concretizado no contato com outras pessoas, dentre elas, Gabriel e a irmã dele. Portanto, sendo fiel aos seus próprios sentimentos e questionando a sua condição social de mulher, assim como refletindo sobre a existência do amor, a protagonista admite: “foi no adultério que encontrei essa revelação!” (Lamas, 2002, p. 99).

Outrossim, na voz narrativa de Marta, ela assume a responsabilidade pelo adultério, tanto é que solicita o divórcio ao marido, com a finalidade de viver o seu romance com o então amante, sem mentiras e enganos. Mesmo antes de enfrentar o marido, quando ainda nas digressões de seu pensamento, ela escolhe refletir e contar as verdades inconfessáveis do seu ser para si mesma. Muitas vezes utilizando um tom confessional, ela relata momentos passados com Gabriel, como por exemplo em: “o passeio de hoje foi uma revelação” (Lamas, 2002, p. 31), ou ainda “passei a tarde ontem com Gabriel” (Lamas, 2002, p. 130). Frente a esta autonomia da personagem na construção da sua identidade e de escolher viver o enlace amoroso com Gabriel, observamos uma inversão do papel de submissão, relegado às mulheres, no início do século XX, à medida que a narradora protagonista evoca o direito de refletir sobre a sua própria vida, além de tentar se autodeterminar e em alguma medida ser autora da sua própria história.

No tocante à outra personagem feminina importante na narrativa, Maria Clara, podemos destacar que, a irmã de Gabriel, apesar de nove anos mais nova que ele, “aceitou, desde que soube raciocinar, a ideia de contar consigo mesma para conquistar a sua



independência” (Lamas, 2002, p. 99). Além de cuidar de si mesma, ela também era responsável pela educação e cuidados do filho de Gabriel. A criança, fruto de uma relação extraconjugal, tinha problemas de saúde e foi abandonada pela mãe quando ela retornou para o marido, pois, casada com um político famoso e acostumada aos luxos da vida burguesa, não suportaria as privações que passaria ao lado do amante e do filho.

Toda a independência, da jovem de apenas vinte anos, é resultado da criação que teve. O pai morreu quando ela ainda era criança e a mãe se desdobrou para cuidar e sustentar os filhos, Maria Clara e Gabriel, ao que a narradora define como “um milagre de amor e abnegação” (Lamas, 2002, p. 56). Portanto, percebemos que o ambiente familiar foi marcado pela ausência da figura paterna, onde a mãe desempenhou os deveres de sustento do lar, para além dos cuidados com os filhos e afazeres domésticos. Diante do exposto, em grande parte fruto da conjuntura que se desvia do padrão de família tradicional e patriarcal, Maria Clara se aproxima da figura libertária da mulher moderna, dito de outra forma, de uma identidade transgressora.

Ademais, outra personagem feminina de destaque, como citado anteriormente, é Joaquina, mãe de um funcionário da fábrica do marido de Marta, em que pese, a apresentação de poucos elementos sobre ela. Um dos motivos da lacuna é justificado pela narradora não ser próxima dela (Joaquina). Por conseguinte, ao carecer das características de onisciência e onipresença, ou seja, ausência de conhecimentos para além do seu próprio ponto de vista, falta-lhe mais informações para compartilhar em suas reflexões sobre Joaquina. Apesar de não sermos expostos à sua história de vida e aos conflitos de Joaquina, sua presença desempenha um papel importante de criar um contraste entre a maternidade e as condições de vida das classes sociais e econômicas mais altas, exemplificadas por Marta, em comparação com aquelas das classes mais baixas.

Como aventado acima, ao longo da narrativa, a nossa narradora e protagonista, Marta, tece reflexões sobre gênero e classe social. O binômio destas reflexões são prospecções a partir da experiência com as outras mulheres presentes na narrativa, Maria Clara e Joaquina. Conquanto a interseção das temáticas, a irmã de Gabriel projeta mais a discussão de gênero, enquanto que a mãe do funcionário instiga reflexões de classe, para além das questões de gênero. De modo que, são aquelas personagens cujas ideias vão de encontro à ideologia patriarcal burguesa conservadora, que lançam luzes nas penumbras de Marta, acerca do casamento e da condição econômica-social da mulher, deslocando-a do *locus* de passividade para o de atividade. A construção dicotômica das personagens, que serve inclusive para a protagonista exercitar a sua autonomia, bem como refletir e formar sua identidade, converge com o posicionamento de Silva (2014) de que esta se configura a partir de um esquema relacional, no qual a diferença estabelece marcação simbólica com referencial em outras identidades.

Adentrando em específico nas marcas de transgressão, no que se refere a Marta, podemos citar como elemento de subversão à ordem social, tanto o fato dela manter uma relação extraconjugal com Gabriel, chegando a pedir o divórcio ao marido e diante da



resposta negativa inclusive pensa em fugir com o amante; quanto o momento em que ela desiste de ir embora com Gabriel. Isso ocorre porque as sementes plantadas na convivência com ele e com Maria Clara floresceram e a fizeram perceber que a partir da posição social que ocupava poderia realizar mudanças, mesmo que em escala microssocial, na fábrica do marido, de maneira a constituir uma conjuntura, na qual Marta compreenda que o sentido da vida não se resume a ter e cultivar um amor romântico.

No que diz respeito à segunda personagem com marcas de transgressão, Maria Clara, podemos observá-las em especial na cena em que ela dialoga com Marta sobre o casamento, pois, a irmã de Gabriel não apresenta uma visão idealizada e romântica sobre o matrimônio, ao considerar que o casamento:

Para a maioria das raparigas é um fim a atingir, uma situação a conquistar; é – quantas vezes! – garantir, materialmente, a existência, a troca duma dependência que, depois, pela vida fora, se alimenta de mentira e sofrimento, quando não vai até à indignidade! Para outras, o casamento é o desfecho natural dum idílio quase sempre mais imaginado que sentido, e que a realidade depressa transforma em decepção. (Lamas, 2002, p. 104)

A transgressão de Maria Clara não consiste em ser contrária ao casamento, mas em refletir sobre as responsabilidades e os propósitos de tal união, além de ponderar que é necessário que ambos os cônjuges devem conhecer a si mesmos, para poder lidar com os defeitos um do outro. Outrossim, o laço matrimonial não deve ser visto apenas na superfície, a partir de uma ilusão amorosa, nem tão pouco, como constatamos no recorte acima, deveria servir para que a mulher consiga os recursos materiais necessários para a sua sobrevivência, uma vez que, todos estes fatores levam à desilusão que acarreta sofrimento.

A importância da conversa entre Marta e Maria Clara é ressaltada, ao passo que, não muito tempo depois a protagonista em meio a um impulso inexplicável, até para ela mesma, aborda o tema do divórcio com seu marido. Frente a tal hipótese, a fúria violenta do marido é despertada, ao que experienciamos ser uma amplificação do autoritarismo. Por meio da representação do marido inflexível se traz à baila a opressão imposta às mulheres, com o objetivo de anular os seus desejos e as suas vontades, no caso deles resultarem na transgressão aos costumes da sociedade patriarcal. Dentre os ataques de Jorge (marido de Marta), de valorização da figura masculina e desqualificação da feminina, podemos destacar o trecho a seguir:

Leva um homem o melhor da sua vida a impor o seu nome ao respeito e à admiração dos outros para, sem mais nem menos, a mulher que ele rodeou de conforto, a quem deu vida de princesa, lhe dizer sem cerimónia: “acabou-se, cada um para seu lado”. (Lamas, 2002, p. 111).

O escândalo, os comentários e a possível divisão dos bens que o divórcio poderia gerar são mais importantes para Jorge, do que a felicidade e os desejos de Marta. Dentro da lógica do casamento tradicional, é o marido que impõe a sua vontade. Além do mais, a vida da esposa é determinada a partir da submissão não apenas a ele, mas de toda



ideologia da sociedade patriarcal, que impelem as mulheres a seguir o modelo ideal de mãe e esposa, abnegadas e perfeitas. Assim, para Jorge é um disparate que Marta tente impor a sua vontade. Com relação ao dinheiro, depreendemos da fala do esposo da protagonista, que não importa qualquer esforço que ela tenha despendido na construção do lar, pois todos os recursos financeiros provieram do seu árduo trabalho e, portanto, pertencem apenas a ele. Constatamos isso quando Jorge afirma, “a fortuna que os meus me legaram e que honradamente multipliquei” (Lamas, 2002, p. 111); assim, o pronome possessivo “meus”, o pronome pessoal do caso oblíquo átono “me” e o verbo “multipliquei”, na primeira pessoa do singular, indicam a concepção de posse e propriedade do dinheiro e bens da família de exclusividade dele.

Para além das questões financeiras, observamos o receio de desonra da imagem masculina em decorrência do adultério e da requisição do divórcio realizados pelo sujeito feminino. O sentimento de posse sobre o corpo feminino foi legitimado pelos saberes/poderes jurídicos, sociais e culturais, isto porque, a honra masculina até o século XX, ou seja, tempos bem recentes, estava atrelada ao comportamento feminino submetido à tutela do marido. Neste contexto, a defesa da honra e dignidade dos homens justificavam, assim como legitimavam, inclusive comportamentos violentos e impositivos deles em relação às mulheres.

Entretanto, na maioria das vezes a violência não se traduz em atos físicos, ela se manifesta de modo simbólico. Segundo Pierre Bourdieu (2012), a dominação masculina é aprendida pelos homens e absorvida inconscientemente pelas mulheres, em primeira instância de forma suave através dos meios de comunicação, conhecimento e reconhecimento. Dentro da sociodiceia masculina, a força dos homens é legitimada pela “natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (Bourdieu, 2012, p. 33). Assim, a onipresença do poder simbólico baseado no sistema de dualidades opostas, masculino *versus* feminino, se encontra inscrito tanto nas formas subjetivas quanto nas relações sociais, de modo a classificar cada ser, cada coisa do mundo e cada prática social.

Ao fazermos uma retrospectiva histórica, para entendermos a origem da dependência econômica da mulher em relação ao homem, podemos notar a influência e a força do capitalismo. Isto porque, a partir do século XIX, surge a figura da dona de casa em tempo integral, como também aparece um dos principais elementos que compõe a raiz da exploração feminina nas sociedades capitalistas, a saber, a divisão sexual do trabalho e trabalho doméstico não remunerado. Por meio destes fenômenos fortaleceu-se a subordinação das mulheres aos homens, uma vez que foi relegado a elas o papel de procriadora, geradora e cuidadora da renovação da mão de obra, além da sua exclusão do trabalho assalariado. A isto, Silvia Federici (2017) nomeia de “patriarcado do salário”, pois, em uma sociedade cada vez mais monetária, privar as mulheres do seu próprio sustento, criou condições materiais para a sujeição delas aos homens. Assim, “surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta,



de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas” (Federici, 2017, p. 205).

Por outro lado, apesar da subversão da ordem de subordinação da mulher aos padrões da sociedade patriarcalista, ainda percebemos representações de subjugação do sujeito feminino. Um exemplo é a temática do divórcio, na fala do amante acerca da sociedade em que a traição matrimonial era mais aceitável que o divórcio para mulheres de classes sociais abastadas, como observamos no trecho: “É verdade. Mas não se trata, em geral, de pessoas da tua condição. Pertences a uma sociedade em que se tolera mais facilmente o adultério que o divórcio... O escândalo seria medonho” (Lamas, 2002, p. 84). Porém, ainda complementamos que este adultério se refere àquele que não se torna de conhecimento público, o qual é praticado de modo discreto. O tema da mulher atada ao casamento por convenções morais é retomado quando do pedido do divórcio ao marido, ao que Jorge responde em uma das interlocuções do diálogo:

– Chegou a minha vez de falar! Acredito que não te consideres feliz, embora não compreenda, ou antes, não queira compreender nada dessas tuas complicações sentimentais – para lhes não dar o verdadeiro nome... Não discuto mesmo se a culpa é tua ou minha. Em todo o caso, sempre te direi que, enquanto anseias pelos tais prazeres espirituais da vida, eu trabalho no campo positivo, satisfazendo todas as tuas ambições de luxo, todos os teus caprichos de mulher elegante e ociosa. Mas, pondo de parte a minha pessoa, diz-me: e o nosso filho? (Lamas, 2002, p. 109).

Assim, além da recusa do marido de aceitar a proposição de divórcio, ele justifica no sentido de que, como esposo, sempre cumpriu a obrigação de suprir as necessidades financeiras da casa e da esposa, lhe proporcionando mais do que o indispensável para a sobrevivência, ao se referir aos luxos que proveu. Ao longo do diálogo, ele não demonstra uma preocupação genuína sobre o que provoca a tristeza e a insatisfação da esposa. Ademais, Jorge faz questão de lembrar a responsabilidade de Marta como mãe, como se a constância do casamento fosse um requisito indispensável para ela exercer o papel materno, além de demonstrar ser uma obrigação eterna, uma vez que o filho já é um jovem crescido.

Sob essa ótica, constatamos que a protagonista, por meio dos questionamentos sociais que influenciam a sua vida, sobrepuja o confinamento no âmbito privado, decorrente do casamento, e passa a observar as relações sociais desenroladas na esfera pública. O contato de Marta com Maria Clara auxilia na criação de contrastes das figuras femininas se lhes comparamos: a primeira representa, a princípio, a mulher antiga e tradicional, dependente financeiramente do marido; enquanto que a segunda simboliza o novo, o moderno, e uma autonomia financeira. Mesmo que por limites sociais e financeiros Maria Clara não tenha realizado o sonho de se formar em medicina, a sua independência pode ser observada, pois, ela exercia a profissão de magistério e conseguia recursos para o próprio sustento.

Outrossim, todas estas questões acerca das inferiorizações dos sujeitos femininos são construídas a partir de um filtro cultural que é materializado através dos discursos



ideológicos e dos jogos de verdade promovidos pelo regime de verdade do patriarcalismo. Porquanto, Maria Cristina Leandro Ferreira afirma “relevante ressaltar é que a cultura, por esse viés discursivo, se torna um lugar de produção de sentidos, que muitas vezes são naturalizados e passam a reforçar o efeito de apagamento da historicidade de certos fatos sociais” (Ferreira, 2011, p. 59). Em outras palavras, as normas culturais moldadas pelo patriarcalismo sugerem certos papéis sociais, que podem parecer inquestionáveis dentro da ordem social, ao passo que são internalizados, diante do obscurecimento da origem de tais práticas sociais.

Através do conceito de vontade de verdade, a concepção universal de verdade é questionada por Foucault que segue o pensamento de Friedrich Nietzsche, acerca da vontade de verdade e da vontade de potência. Para Foucault, “esse regime de verdade, pelos quais os homens estão vinculados a se manifestar, eles próprios como objeto da verdade, está vinculado a regimes políticos, jurídicos etc.” (Foucault, 2014, p. 93). Isto posto, as verdades podem ser modificadas como consequência da mudança nas regras da formação do discurso que comportou aquelas supostas verdades. Por conseguinte, a manifestação de um dado conjunto de práticas sociais não é natural, mas sim uma vontade histórica de verdade. Quer dizer, um processo de formação ideológica transforma um discurso em verdade, colocando-o na ordem do verdadeiro, a partir da cristalização de um conjunto de sentidos, que permite ao indivíduo governar a si mesmo e aos outros.

Esses jogos de verdade estão intrinsecamente relacionados às relações de poder, pois, estas costuram e hierarquizam os discursos, na construção das legitimidades discursivas. Sobre a ligação entre estas relações de poder com as formas de saberes, Foucault esclarece que “Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território” (Foucault, 2019a, p. 251). Deste modo, o poder articula-se à linguagem, com a finalidade de criar mecanismos de controle e coerção, os quais aumentam a subordinação dos sujeitos, como esperamos ter demonstrado nesta parte do nosso texto.

Educação de jovens: a descoberta da sexualidade

O corpo feminino tem sido afetado pelo processo de submissão das mulheres em relação aos homens. Ao longo dos séculos, este controle se faz presente, por exemplo, no modo como este sujeito vivencia a sexualidade e a reprodução. No que se refere ao poder, que age através de uma mobilidade circular e ascendente na sociedade, Foucault afirma que “Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (Foucault, 1988, p. 98). Neste sentido, o governo do biopoder age sobre a vida das pessoas, utilizando-se de outros dispositivos para o controle, além da aplicação da lei, dentre eles, a sexualidade.



A igreja católica é uma instituição que influenciou as sociedades ocidentais, desde a Idade Média. Questões morais que, atreladas ao contexto religioso, constituíram historicamente duas identidades dicotômicas do sujeito-mulher: uma vinculada ao ideal imaculado, representado na figura da Virgem Maria, considerada modelo de virtude a ser seguido para as mulheres religiosas; e a outra associada ao provocativo, a exemplo de Eva, que ligada ao pecado deve ser tomada como exemplo a não ser seguido. Ao mesmo tempo, essa identidade dicotômica não servia apenas para distinguir as mulheres, à medida que estes modelos se prestavam também para justificar e legitimar o controle da sexualidade. Mecanismo que compõe a construção das desigualdades sociais e culturais entre homens e mulheres ocorre devido à divisão binária ser com frequência empregada para estabelecer contrastes entre valorização e desvalorização, como por exemplo através do discurso de “inferioridade” e “fragilidade” feminina.

Nas memórias de sua adolescência, no colégio de freiras em que estudava, Marta traz elementos da rigidez no controle não apenas da sexualidade, mas dos corpos, da espiritualidade e das atitudes. Em prol de obedecer às normas impostas pela religião católica, a fim de merecer a vida eterna no paraíso, consoante observamos no recorte seguinte:

Ser feliz é a aspiração da humanidade inteira. Mesmo os que na terra abdicam de todo o prazer, de toda a consolação, esperam, em troca, a felicidade eterna. Surgem agora no caleidoscópio da minha lembrança as freiras que me educaram – gestos inexpressivos, formas dissimuladas na amplitude dos hábitos, palavras brandas, desapego absoluto de afeições e bens terrenos. Também essas procuravam a felicidade nos místicos esponsais com o Esposo divino. E que influência profunda exerceu em mim aquele ambiente conventual de doentia espiritualidade! (Lamas, 2002, p. 44)

Assim como em *Madame Bovary*, a protagonista de *Para além do amor* teve a sua educação na juventude baseada em preceitos religiosos e ambientada em colégios de freiras, o que implicava na dominação e no manejar os corpos. Logo, isto possibilitaria discipliná-las (as mulheres) em uma forma adequada de comportamento e conduta. Contudo, esta atitude repressiva pode ter efeitos contrários aos almejados, como destaca Foucault, “a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo” (Foucault, 2019b, p. 146-147). Deste modo, observamos, no recorte abaixo, o despertar dos instintos sexuais de Marta, ao simples beijo na testa que recebera de uma das freiras:

(...) pousou na minha frente os seus lábios, onde não murchara ainda o viço da mocidade. Na surpresa daquela manifestação de carinho quem tinha a sedução do pecado – às freiras era proibido beijarem-nos – não fiz um movimento, e ela afastou-se sem ruído, como se fosse uma sombra... Subitamente, desejei que alguém me beijasse muito, muito, e me embalasse nos seus braços, apertando-me sofregamente e dizendo-me palavras de infinita meiguice. Devia ser bom adormecer assim... Depois, sem que eu



soubesse a causa, chorei convulsivamente, escondendo a cabeça sob a roupa para que me não ouvissem soluçar. E naquela noite, enquanto a tempestade rugia lá fora em todo o sinistro esplendor da sua força destruidora, despertava ingenuamente, entre os cortinados brancos dum leito virginal, o instinto amoroso do meu corpo de mulher (Lamas, 2002, p. 47).

Podemos concluir do recorte acima, que esse poder sobre a sexualidade acaba reprimindo a natureza humana, comportamentos e instintos. No entanto, esse poder que é essencialmente repressivo, voltado a controlar e manejar o indivíduo, pode gerar o inverso da anulação do desejo, de modo a despertar a vontade de resultados rápidos e eficazes na produção de prazer e de excitação.

Secundarização da mulher: redução da mulher aos papéis de esposa e mãe

A ideia do amor romântico se revela aliada à subordinação feminina que marginaliza as mulheres do espaço público à medida que as relega a dois papéis sociais exercidos no âmbito doméstico: o de esposa e o de mãe. Espera-se que elas desempenhem esses papéis com maestria, mesmo que isto implique renúncias e sacrifícios. Aliás, quanto maior estes dois últimos, mais valioso e perfeito é o desempenho destas funções. Ademais, não basta ser uma ou outra, a mulher deve ser os dois, esposa e mãe.

Segundo Foucault, a regulação do corpo feminino se constituiu como um dos pilares das estratégias de poder que promoveu a Modernidade. Assim, através de tais estratégias, o corpo feminino passou por um processo de qualificação, análise e desqualificação. Deste modo, esse corpo feminino saturado de sexualidade foi confiscado e direcionado para outros campos, como o da medicina, refletindo-se em práticas históricas como a medicalização da sexualidade feminina no século XIX. Nesta perspectiva, a mulher enquanto mãe tinha como imperativo a responsabilidade de gerar e gerir o corpo social, o espaço familiar e a vida das crianças (Foucault, 1988). O controle sob este prisma é organizado de uma maneira que otimize o adestramento de corpos, encerrando-os na mecânica produtiva, a qual dispõe de inúmeras técnicas para sujeitá-los. Dentre elas está todo um conjunto de saberes e discursos que abrange a sexualidade da mulher com propósito de dotá-la de *status* de verdade e de racionalidade.

No recorte abaixo, observamos o pensamento da protagonista referente aos parâmetros de julgamento da sociedade da época do romance para com a mulher mãe e esposa:

Mesmo no casamento, bem poucas encontram a felicidade plena que só um grande amor pode dar. E – pobres delas! – têm, no entanto, o “dever” de ser felizes, desde que o marido lhes proporcione existência confortável e desafogada. Ensinam-lhes que, na Mulher, deve triunfar sempre a Mãe, e querem convencer-se de que é assim. Porém, quantas vezes, ao embalar o filho, a mãe sente uma angústia indizível, uma piedade por si própria, que se confunde com a ternura pelo pequenino ser que a escravizou à deformação e ao sofrimento durante nove meses, lhe revelou a dor e o sentimento divino da maternidade, deixando ao pai a liberdade de amar...



Por isso, quantas vezes a mãe canta com vontade de chorar... (Lamas, 2002, p. 74).

A igualdade na participação parental é fundamental para combater a ideologia sexista, que valoriza mais a atenção e cuidados dos homens do que das mães. Contudo, ainda nos dias de hoje, os pais que dividem de maneira equitativa a parentalidade são vistos como especiais, quando na verdade isto deveria ser a norma. Assim, esta parentalidade revolucionária apenas acontecerá quando os homens: “forem ensinados, de preferência desde a infância, que a paternidade é tão importante quanto a maternidade, que ambos possuem o mesmo significado” (Hooks, 2019, p. 200). Por outro lado, quando a parentalidade é realizada por apenas um dos genitores, papel em regra ocupado pela mãe, a criança cresce sem a referência masculina, o que acaba por fomentar o círculo vicioso de que a vocação para a atividade de cuidar pertence às mulheres.

Contudo, não podemos nos iludir de que esta diferenciação entre homens e mulheres é a única forma de delinear as identidades, pois há que se observar também as classes sociais. A identidade de Marta, sujeito-feminino-burguês, se contrapõe à identidade de Joaquina, sujeito-feminino-pobre. Outrossim, no contexto da mãe do funcionário da fábrica, observamos uma intersecção de fatores de subjugação: o sexo e a classe social. Acompanhemos o recorte a seguir:

A história da pobre Joaquina é semelhante à de qualquer outra mulher da sua classe. A mesma sorte ínfima, sem outros prazeres além daqueles que lhe dá a vida instintiva, e esses mesmo pagos e repagos em sofrimento, aflições e desespero. Não chega a ser mulher. É a fêmea que existe para que o homem procrie, é a carne votada ao sacrifício, com uma só lei: a submissão. Mocidade fugidia, breve estiolada por canseiras e privações, apaga-se, esquece-se de si, anula-se numa abnegação constante de que nem ela própria chega a ter consciência. (Lamas, 2002, p. 126).

Assim, o outro binômio de personagens femininas do romance é composto por Marta *versus* Joaquina. A figura feminina de outra classe social, que serve de comparação à protagonista, foi filha, esposa e mãe de operário. Por fim, ela perdeu o filho em um acidente na fábrica, de maneira que tal evento trágico a aproxima de Marta. Isto porque, a percepção da diferenciação do lugar social de acordo com a classe, ideias já incutidas na protagonista por meio dos posicionamentos políticos de Gabriel, encontra um exemplo no mundo em que Marta experencia. A opressão maior sofrida por Joaquina se torna mais contundente ao considerarmos que, enquanto o filho de Marta se recuperou após ser ferido na revolta dos funcionários, o descendente de Joaquina amargou um desfecho fatal, ao morrer “esfacelado”, de modo que a vida de sacrifícios da sua mãe tem o ápice na morte daquele a quem ela provavelmente dedicou a vida.

As raízes sobre o domínio do corpo feminino, pelo patriarcalismo, se consolidam a partir da substituição gradual do feudalismo pela emergência do capitalismo que impôs a sujeição das mulheres para a reprodução da força de trabalho. Assim, existe uma relação imanente entre o sistema econômico capitalista, o domínio masculino (como a classe



trabalhadora que tinha seus serviços remunerados) e a identidade social feminina como geradoras de novos trabalhadores, mas desprovidas de remuneração. Deste modo, como escreve Federici: “o capitalismo criou formas de escravidão mais brutais e traiçoeiras, na medida em que implantou no corpo do proletariado divisões profundas que servem para intensificar e ocultar a exploração” (Federici, 2017, p. 119), sendo a divisão mais marcante e importante, para a manutenção da acumulação capitalista, aquela entre homens e mulheres.

Assim sendo, assente numa visão patriarcal da sociedade, a mulher esteve culturalmente confinada ao espaço doméstico e à vida privada, além de submissa à figura masculina, provedor do lar, fosse seu genitor ou seu marido. Diante de tal cenário, o sujeito feminino foi oprimido, explorado, objetificado e abusado por homens que consideravam ter algum direito sobre as mulheres. Em função disso, algumas mulheres começaram a se rebelar e buscar persistentemente o seu direito de serem tratadas como sujeitos, em especial, os de liberdade e de igualdade.

Considerações finais

A última cena do romance retrata a desistência de Marta de fugir com Gabriel, bem como o distanciamento do navio que supostamente parte com ele, o que cria uma imagem metafórica de encerramento de um ciclo, como o fim do dia que traz o crepúsculo. Sem embargo, há esperanças de um amanhecer belo que trará novas experiências, sabores e sensações, como observamos no pensamento final da protagonista: “no entanto, mesmo a debater-me desta angústia que parece abrir uma suspensão na minha vida e torna confusas todas as minhas aspirações, eu prefiro acreditar que, pelo contrário, é uma nova manhã que se anuncia, mais luminosa e de maior esplendor!” (Lamas, 2002, p. 165).

Ademais, podemos depreender também a libertação de Marta do ideário do amor romântico projetado em outra pessoa. Ao mesmo tempo que ao deixar aquele amor no plano abstrato, sem se concretizar e esmorecer com todas as dificuldades do cotidiano, ela possibilita a manutenção da ilusória deste amor, ao torná-lo uma lembrança bonita. Em contrapartida, observamos uma atitude otimista frente a sua decisão cuja motivação não se baseia no medo ou na covardia por perder seu *status* social, mas sim porque ela descobriu o sentido da sua existência, ao se tornar útil, com projetos para modificar o ambiente em que vive e tornar a felicidade concreta por meio das suas próprias atitudes. Outrossim, apesar de não viver o amor com Gabriel, ela se mantém fiel aos princípios e valores de justiça social que ele lhe apresentou.

Portanto, a libertação de Marta não se concretiza com o fim do casamento, pelo contrário, a manutenção deste permite que ela possa orquestrar mudanças sociais no ambiente fabril, em decorrência da sua condição de mulher casada com um burguês. Assim, a transgressão da protagonista se materializa na tomada de consciência acerca das desigualdades sociais e na mudança de comportamento, ao se ocupar de atividades funcionais, em prol das operárias da fábrica. Dentre as primeiras mudanças, a construção



de uma creche para que os filhos dos trabalhadores possam ficar enquanto as mães trabalham, o que em certa medida não lhe desvencilha da ideologia burguesa que a constitui, todavia cria um deslocamento do âmbito privado para o público.

Portanto, assim é possível compreender o desenvolvimento da identidade da personagem principal como a transformação de uma mulher burguesa, ociosa e infeliz, para um sujeito promovedor de transformações sociais e segura de si. Por fim, todos os processos contínuos de fragmentação e de construção da identidade de Marta ocorrem através das ideologias e experiências que a interpelaram ao longo de sua jornada, em contato com outras personagens.

Em síntese, a transgressão central de Marta se revela na busca por significado além dos limites domésticos e do amor romântico, ao se engajar em atividades funcionais na fábrica do marido, que ela percebe como significativas para sua existência. Sua rebelião reside na quebra de normas tradicionais que confinavam as mulheres ao espaço doméstico, à medida que ela delineia autonomia e propósito em esferas fora do lar. Paralelamente, a transgressão de Maria Clara manifesta-se na recusa ao ideal romântico de casamento, ao passo que ela defende o autoconhecimento antes de considerar a união matrimonial. Essa escolha desafia as expectativas sociais que associam o valor da mulher à sua função voltada para os afazeres domésticos, e a insere no processo de uma independência emocional e intelectual. E por fim, Joaquina, em sua transgressão, enfrenta as adversidades econômicas com coragem, de maneira a lutar pela própria sobrevivência e de seu filho em um ambiente hostil. A tragédia subsequente na vida desta personagem, com a morte do filho em circunstâncias suspeitas na fábrica onde ele trabalhava, revela a violência sistêmica que muitas vezes permeia as vidas das mulheres, sobretudo as de classes sociais menos favorecidas.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do – real e do – ficcional. *In*: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 119-139.

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo**. A experiência vivida. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Trad. de Jamille Pinheiro Dias. **Cadernos de Leitura**. n. 78, p. 1-16, 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em 02 de jan. de 2024.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.



COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do Discurso Político**. Derivas da fala pública. Trad. de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

COVA, Anne; PINTO, António Costa. O salazarismo e as mulheres uma abordagem comparativa. **Penélope 17**, p. 71-94, 1997. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2656445.pdf>. Acesso em 28 maio 2023.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary** (1857). Texte integral suivi d'un dossier critique sur la Femme dans le récit du XIXème siècle. Classiques & Cie Lycée. Paris: Hatier, 2018.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. In: INDURSKY, Fedra; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade do saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. Curso no Collège de France (1979-1980). Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019b.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 23-46.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LAMAS, Maria. **Para Além do Amor**. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2002.

MACHADO, Ida Lucia. Relações de força/poder entre “iluminados” e “loucos”. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, Wiliam (org.). **Análise do Discurso**: Gênero, Comunicação e Sociedade. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2006, p. 105-118.



MAGALHÃES, Belmira. Discurso, arquivo e literatura. *In*: MARIANI, Bethania *et al.* **Discurso, arquivo e....** Rio de Janeiro: 7letras, 2011, p. 57-66.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Trad. de Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

NOTAS DE AUTORIA

Emanoelle Maria Brasil de Vasconcelos (emanoelle.maria.brasil@aluno.uepb.edu.br) é doutoranda mestra do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI-UEPB). Graduada em Letras língua portuguesa e francesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Maria Simone Marinho Nogueira (marianogueira@servidor.uepb.edu.br) é doutora pela Universidade de Coimbra. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada em Filosofia e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI-UEPB). Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UEPB, Edital PRPGP nº 03/2024, Processo SUAP 55001.001516.2024-39.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

VASCONCELOS, Emanoelle Maria Brasil de; NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. *Para Além do Amor*: representações das identidades femininas em uma escritora portuguesa do início do século XX. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-22, 2024.

Contribuição de autoria

Emanoelle Maria Brasil de Vasconcelos: concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Maria Simone Marinho Nogueira: concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir



contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 20/07/2023

Revisões requeridas em: 21/12/2023

Aprovado em: 28/04/2024

Publicado em: 15/07/2024

